

O “TRIBALISMO” EM *MAYOMBE*, DE PEPETELA, E A CONTRADIÇÃO REVOLUCIONÁRIA DA FIGURA DE ONDINA

LAURA BADO KUCHERT¹; ALFEU SPAREMBERGER²

¹Universidade Federal de Pelotas – laurabadokuchertlbk@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - berger9889@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A obra *Mayombe*, do autor angolano Pepetela, apresenta a história de um grupo de guerrilheiros pertencentes ao Movimento Popular de Libertação de Angola, os quais lutaram em prol da independência do país. O livro foi escrito entre os anos 1970 e 1971, enquanto o próprio autor era parte da linha de frente da luta. Publicado em 1980, o livro traz como foco narrativo a humanização desses guerrilheiros que, isolados na maior parte do tempo no Mayombe, possuíam suas próprias dores, alegrias, questionamentos, insatisfações e relacionamentos amorosos como quaisquer outras pessoas. Um dos pontos principais que norteia os conflitos e indagações trazidos por Pepetela na obra é o “tribalismo”, uma desconfiança entre as tribos angolanas e que surge como consequência do processo colonial e da unificação forçada do país.

O livro escrito pelo autor angolano possui uma narrativa polifônica que, segundo Bakhtin, traz o efeito de “multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes plenivalentes” (1981, p. 2). Isso porque, em cada um dos capítulos, o escritor inicia dando a alguns personagens a oportunidade de narrar sua própria história em primeira pessoa do singular. Já no restante da narrativa, Pepetela dá voz aos personagens de forma que conta o que se passa na história, a partir dos pontos de vista daqueles que estão inseridos na cena. A partir dessas duas estratégias narrativas, o leitor se depara com diferentes posições defendidas ou repudiadas pelos personagens. O “tribalismo” insere-se como assunto principal das discussões trazidas por eles, uma vez que as opiniões se diferem acerca desse fenômeno e ainda a respeito do movimento pelo qual estão lutando.

O MPLA, organizador do movimento de luta pela independência de Angola, baseava-se nas teorias marxistas e, na época, visava implementar o Socialismo no país. A partir da escrita do autor, o caráter dessa luta é colocado em dúvida quando as mulheres não são inseridas no mesmo nível dos homens dentro da revolução, no sentido de poderem obter o mesmo poder político, direitos sociais e um possível caráter revolucionário, mas não os adquirirem. Dessa forma, Pepetela escolhe discorrer a respeito dessa contradição a partir da existência da personagem Ondina. O principal objetivo do movimento era alcançar a independência de Angola e, pensando na discussão acerca do papel feminino na luta angolana, Conte, Mugge e Schmitt discorrem que:

“É impossível pensar o êxito da revolução sem enfocar aquelas que são as responsáveis por novas vidas, que sustentaram suas famílias enquanto os homens estavam nas frentes de combate, que transportaram armas em meio ao medo pulverizado nas matas, que abasteceram os armazéns improvisados nas frentes de batalha e, mais, que alfabetizaram funcional e ideologicamente quantidades imensuráveis de sujeitos sublevados” (2018, p. 5).

A narrativa de Pepetela traz a contradição que essa revolução apresenta, por intermédio das figuras femininas, as quais foram esquecidas no momento de planejamento e execução da luta e das questões políticas, visto que são submetidas apenas ao papel de submissas, esposas, mães e geradoras de vidas.

Os personagens da obra discutem a respeito do papel da mulher, de como a revolução as deixa de lado. Porém, como acontece também com o assunto do “tribalismo”, os homens possuem diferentes opiniões acerca da questão feminina. Como figura de questionamento e contradição, Ondina, mesmo que inconscientemente, se apresenta como uma mulher à frente de seu tempo, pois estudou e possui formação intelectual e política. Direta ou indiretamente, a personagem contesta a submissão feminina imposta ao seu gênero, questionando também todo o movimento de independência.

Para esse trabalho, foram utilizados como pressupostos teóricos sobre o “tribalismo” em Mayombe, os artigos de Oliveira e Paiva (2017) e, acerca da representação feminina na luta pela independência de Angola, o trabalho de Conte, Mugge e Schmitt (2018). Assim, a partir de tais fundamentos, busca-se analisar como Pepetela apresenta o “tribalismo” por meio de diferentes pontos de vista ao longo da narrativa, ao mesmo tempo em que estabelece um paralelo entre esse conflito e a figura indagadora da personagem feminina Ondina.

2. METODOLOGIA

Para a execução, realizou-se a leitura do livro Mayombe, do autor Pepetela e, mais que isso, procurou-se analisar cada um dos capítulos da obra. Durante a análise, pretendeu-se compreender como o autor trabalha o “tribalismo” dentro da sua obra, a partir dos diferentes pontos de vista de cada personagem e de uma narrativa polifônica, e se a questão da submissão feminina é algo que o escritor inseriu em seu texto.

Após essa análise, a qual tem como referência os textos de Oliveira e Paiva (2017) e Conte, Mugge e Schmitt (2018), buscou-se a possibilidade de traçar um paralelo entre o “tribalismo” presente na obra, como principal ponto de discussão, e a existência da personagem Ondina, a qual é capaz de, mesmo que indiretamente, questionar toda a revolução e o movimento.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise de cada capítulo da obra, torna-se claro que Pepetela traz em sua obra o “tribalismo” como um fenômeno que embasa muitos dos conflitos da narrativa, pois aparece sob diferentes pontos de vista, a depender das vivências e opiniões dos personagens. A fim de ilustrar os questionamentos que os protagonistas da história apresentam sobre essa questão, pode-se utilizar como exemplo uma fala do personagem Muatiânvua, o qual é retratado no livro como um personagem “destribalizado”:

“Querem hoje que eu seja tribalista! De que tribo?, pergunto eu. De que tribo, se eu sou de todas as tribos, não só de Angola, como de África? Não falo swahili, não aprendi eu o huassa com um nigeriano? Qual é a minha língua, eu, que não dizia uma frase sem empregar palavras de línguas diferentes? E agora, que utilizo para falar com os camaradas, para deles ser compreendido? O português. A que tribo angolana pertence a língua portuguesa? Eu sou o que é posto de lado, porque não

seguiu o sangue da mãe kimbundo ou o sangue do pai umbundo” (Pepetela, 2018, p. 120 e 121).

A partir da leitura do trecho, torna-se claro que a opinião de Muatiânvua é a de que o fenômeno não faz sentido, já que todas as tribos se encontram unificadas, o que faz com que as tradições, culturas e até mesmo as línguas se misturem.

Uma ideia conflitante com a do personagem é trazida ao livro por intermédio da narrativa em 1ª pessoa de Milagre, o qual é *kimbundo* e questiona o fato de um *kikongo*, o Comandante, estar à frente liderando a revolução no grupo de guerrilha ao qual esses personagens estão inseridos:

“Eu sofri o colonialismo na carne. O meu pai foi morto pelos tugas. Como posso suportar ver pessoas que não sofreram agora mandarem em nós, até parece que sabem do que precisamos? É contra essa injustiça que temos de lutar: que sejam os verdadeiros filhos do povo, os genuínos a tomar as coisas em mãos” (Pepetela, 2018, p. 47).

O personagem entende que a sua tribo sofreu efetivamente na mão dos portugueses, sofreu o colonialismo no seu modo mais cruel, afinal o personagem viu seu pai sendo morto, por isso acredita que o Comandante, sendo um *kikongo*, que não sofreu o colonialismo como ele, não deve liderar a revolução. Os trechos apresentados confirmam a grande importância que a questão tribal parece ter para os guerrilheiros em *Mayombe*, e como a justificativa para essa relevância varia de personagem para personagem.

A personagem Ondina, a qual no início da narrativa é noiva do Comissário, envolve-se com outros dois homens ao longo da história: André e Sem Medo. Pepetela escolhe a figura de Ondina para retratar uma mulher à frente de seu tempo, que possui formação intelectual e política e que, principalmente, se coloca contra a submissão imposta às mulheres pela sociedade. Entretanto, é por meio de seus desejos sexuais que o autor evidencia a não submissão dessa personagem; afinal, ela não menospreza seus próprios desejos, colocando-os em prática quando bem entende e tendo atitudes, inclusive, comparadas às atitudes comuns para os homens. Em determinado momento da narrativa, Ondina tem relações sexuais com André, o que resulta em ela estar traindo seu noivo, o Comissário. Quando a personagem tem uma discussão com o homem, ele pede quais foram as razões pelas quais ela fez aquilo, no que ela responde:

“- Bem, se queres saber... Ele beijou-me no jipe. Quando me propôs para irmos para o capim, aceitei.
- Por que o deixaste beijar-te? Por que aceitaste?
- Sei lá. Apeteceu-me.
- Mas por quê? Isso não acontece à toa.
- Comigo pode acontecer à toa. Depende das circunstâncias, depende do homem... Eu sentia-me só, André é um belo homem” (Pepetela, 2018, p. 164).

Ondina, diferente da submissão que se esperava das mulheres à época, agiu conforme seus desejos sexuais naquele momento, assim como faz quando tem um envolvimento com Sem Medo, e cede ao seu desejo sexual pelo Comandante, criando também um envolvimento sentimental.

Dessa maneira, Ondina aparece como personagem que, indiretamente, causa sua própria revolução, interferindo nos relacionamentos criados pelos

guerrilheiros, nas suas opiniões políticas e de guerra e, principalmente, na forma como agem baseados nos argumentos provenientes do “tribalismo”.

4. CONCLUSÕES

Com as análises realizadas para a execução deste trabalho é possível concluir que o autor escolheu trabalhar o “tribalismo” em sua obra, mas a partir de diferentes pontos de vista. Para que isso fosse possível, permitiu que seus personagens, por intermédio de uma narrativa polifônica, narrassem suas próprias histórias, fazendo com que diferentes opiniões a respeito da questão tribal fossem expostas.

Pepetela traz também uma crítica ao movimento e suas bases, quando apresenta ao leitor a personagem Ondina, uma mulher incomum ao contexto e que faz com que a revolução e o movimento sejam questionados.

É elucidado o paralelo entre o “tribalismo” e a figura de Ondina em diversas passagens, mas principalmente quando, no episódio em que ela trai o noivo, os julgamentos se formam a partir da questão do “tribalismo”, uma vez que Ondina é então vista como “noiva de alguém que faz parte de uma tribo” e, desse modo, a tribo e as raízes da personagem não são importantes no conflito, apenas a dos homens que a cercam. Pepetela traz à narrativa a ideia de que o fenômeno é algo que parece importar somente aos homens e que a revolução, a qual luta por uma Angola independente, aparenta não lutar também pela independência de suas mulheres angolanas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONTE, D.; MUGGE, E.; SCHIMMIT, B. J. O esquadrão e as mulheres: o caso da personagem Ondina em *Mayombe*, de Pepetela. **Revista Contribuição as Ciências Sociais** Junho de 2018. <https://www.eumed.net/rev/cccss/2018/06/esquadraomulheres.html> Acesso em 23 de setembro de 2024.

OLIVEIRA, M. C. **A Construção do Romance em Antonio, de Beatriz Bracher: polifonia, tempo e memória**. 2017. Dissertação (Mestre em Letras/Literaturas de Língua Portuguesa) Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_OliveiraMC_1.pdf Acesso em: 23 setembro de 2024.

MAYOMBE de PEPETELA AULA DO LIVRO 2018 Pandora Vestibulares. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4wzeu0jN6ls> Acesso em: 23 de setembro de 2024.

PAIVA, P. H. G, OLIVEIRA, M. F. Uma floresta de homens: “tribalismo” e mestiçagem em *Mayombe*, de Pepetela. **Abralic: Revista Brasileira de Literatura Comparada**, Rio de Janeiro, v. 15, p. 3408 - 3419, 2016.

PEPETELA. **Mayombe** 2. ed. Rio de Janeiro: LeYa, 2018.